



LITERATURA, CINEMA E ESTADO AUTORITÁRIO: UMA LEITURA DE 1984 DE GEORGE ORWELL

Danieli dos Santos Pimentel¹
Luiz Guilherme dos Santos Júnior²

Resumo: a comunicação analisa o livro 1984 de George Orwell em diálogo com o filme de título homônimo dirigido por Michael Radford. Num diálogo interartes, pretende-se discutir o Estado autoritário a partir da alegoria despótica do *Grande Irmão*. Ficcionalmente, as duas produções contextualizam o período histórico que compreende a ascensão de regimes totalitários na Europa como o stalinismo e o nazismo, numa sociedade controlada por um partido único que centraliza e controla o fluxo de informações através de uma propaganda forjada pelos órgãos comunicativos e difusores de ordens pré-estabelecidas pelo domínio central do governo. Nesse contexto, os órgãos regidos pelo governo totalitarista mantêm vigilância contínua das personagens, por meio de sistemas televisivos (*teletelas*) nos espaços da cidade e no interior dos domicílios. Dessa forma, visto pela ótica de ambas as obras, todo esse sistema evidencia uma ditadura que controla as ações dos corpos e das mentes, ameaçando torturar e punir aqueles que não se enquadram aos ditames do regime político e autoritário vigente. Entre as regras do *Grande irmão* figuram o apagamento e destruição dos arquivos da história. Assim, o governo engendra uma nova língua (*novilíngua*) que não contenha palavras subversivas e que incitem o levante de qualquer ação revolucionária.

Estado Autoritário e poder em 1984

O poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua

(Roland Barthes - Aula)

O filme *1984*, dirigido por Michael Radford, transpõe para o cinema o livro de George Orwell publicado em 1948, optando por uma estética em preto e branco, com o intuito de acentuar certa visualidade histórica, aos moldes do neorealismo italiano. O filme mostra uma sociedade no futuro ano de 1984, em que o regime totalitário de um partido único governa uma parte do mundo. Este se encontra dividido em três grandes blocos: a Eurásia, a Lestásia e a Oceania.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (Doutoranda em Letras - Capes). E-mail: danielipimentel@yahoo.com.br

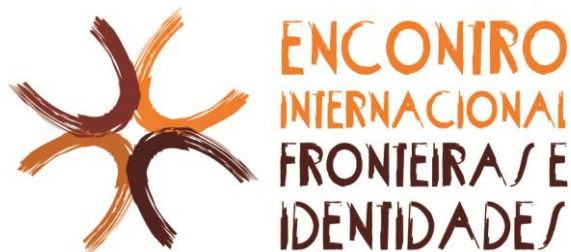
² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (Doutorando em Comunicação Social). E-mail: lguilherme@ufpa.br



O Governo controlado pelo “Big Brother” (Grande Irmão) se encarrega de controlar o povo e mantê-lo em constante estado de alienação, a partir de notícias forjadas que demonstram a prosperidade dos trabalhadores, além de notícias econômicas que sempre apontam para índices favoráveis ao governo. No sentido de manter o *status quo*, qualquer ato de subversão é combatido pela *crimidéia*, (crime de idéia), “dispositivo” usado para designar a ação da “Polícia do Pensamento”, que tinha como função denunciar as pessoas que discordassem dos lemas do Partido (*Ingsoc*), para, em seguida, torturá-las, com o objetivo de conseguir uma confissão diante dos camaradas do partido.

De acordo com o enredo do livro, a *teletela* adentra em todos os ambientes, ditando regulamentos para que todos pudessem adotar. Por outro lado, o aparelho transmite dados de conquistas do Partido durante as guerras, além do aumento econômico através da produção de calçados: “temos gloriosas notícias! Ganhamos a batalha da produção! Os totais completos da produção de todos os artigos de consumo demonstram que o padrão de vida aumentou de nada menos que vinte por cento sobre o ano passado” (ORWELL, 1996, p. 57). A falsa propaganda da alta economia do país é colocada sempre em voga, estratégia essa para manter a população tranquila e os operários satisfeitos com seus empregos, ainda que eles contribuam com altas quantias de impostos que são cobrados pelo governo.

A trama do filme segue o enredo da obra literária. A narrativa cinematográfica centra-se no Continente da Oceania, administrada pela figura do Big Brother, chefe de estado que mantém total controle social pautado na vigilância absoluta da população. Numa espécie de “Panóptico”, seu rosto está em quase todas as partes da cidade visto em grandes telas de cinema (teletela). Por meio desse e de outros dispositivos, a vida social dos cidadãos da cidade é controlada por uma vigilância contínua, que atua de maneira eficaz. Esse controle do Estado maior se ramifica em Ministérios e em outros integrantes do Partido. Winston, personagem central da trama, trabalha no Ministério da Verdade; sua tarefa é reescrever, apagar e alterar certos dados de acordo com as ordens e os interesses do Partido. O Ministério da Verdade é colocado na obra de Orwell como a repartição responsável pela transmissão de noticiários, “diversões, instruções e belas-artes”. Na obra outros ministérios são colocados em função das ordens do governo como: “o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem, e o Ministério da Fartura, que acudia as



atividades econômicas. Seus nomes, em Novilíngua: Miniver, Minipaz, Miniamo e Minifarto” (ORWELL, 1996, p.10).

Por outro lado, em 1984, a partir do enredo da obra literária, o Ministério da Fatura se encarrega de divulgar a expressão “nova vida feliz”, a fim de sustentar a estabilidade econômica e aumento da qualidade de vida:

fabulosas estatísticas continuaram saindo da teletela. Em comparação com o ano anterior havia mais comida, mais roupa, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais recém-nascidos - tudo aumentara, exceto a doença, o crime e a loucura (ORWELL, 1996, p. 58).

Seguindo a trama do filme, como Winston trabalha no Partido Externo, ele também dispõe de uma *teletela* em sua residência que faz o trabalho de fiscalização e vigilância interna. O protagonista, no entanto, apresenta comportamentos duvidosos quanto às ordens do partido, pois se esconde frequentemente quando está escrevendo em seu diário, bloco de papel, comprado em comércios informais. Em certos momentos, discretamente, o personagem ocupa um espaço do apartamento onde a vigilância não consegue capturar seu ato subversivo.

No decorrer do filme, a vida pacata de Winston tomará novos rumos, quando ele se percebe envolvido pelos olhares da personagem Júlia. Esta é uma jovem que também trabalha para o governo; demonstra fidelidade ao partido e sempre participa dos momentos em que o Big Brother, por meio dos camaradas do alto escalão, repudia possíveis traidores dos ideais revolucionários da instituição maior que governa o país. Além disso, ela faz parte da “Liga Juvenil anti-sexo”, porém, acaba descobrindo que compartilha dos mesmos ideais libertários de Winston, ao passar a questionar as proibições quanto ao sexo livre, algo que era proibido para todos os membros do partido.

Novilíngua como Dispositivo de Controle

Como dispositivo de controle associado ao discurso, o Governo criou a *Novilíngua*, dicionário editado anualmente para a criação de novas palavras e apagamento das antigas. A responsabilidade do glossário fica sob o comando do personagem Syme, que na trama recebe



a conotação de filósofo. Num dos encontros entre Winston e Syme, este, numa das passagens da obra literária, fala com prazer ao referir-se à destruição de palavras.

- É lindo, destruir palavras. Naturalmente, o maior desperdício é nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos que podem perfeitamente ser eliminados. Não apenas os sinônimos; os antônimos também. Afinal de contas, que justificação existe para a existência de uma palavra que é apenas o contrário de outra? Cada palavra contém em si o contrário. 'Bom', por exemplo. Se temos a palavra 'bom', para que precisamos de 'mau'? 'Imbom' faz o mesmo efeito - e melhor, porque é exatamente oposta, enquanto que mau não é. Ou ainda, se queres uma palavra mais forte para dizer "bom", para que dispôr de toda uma série de vagas e inúteis palavras como 'excelente' e 'esplêndido' etc. e tal? (ORWELL, 1996, p.52).

De acordo com o método realizado pelo partido, algumas palavras do dialeto vão aos poucos perdendo seu sentido para o usuário da língua nativa, e esse seria o propósito encontrado para o descondicionamento das mentes humanas e o controle total sobre elas, por exemplo, palavras como *revolução*, *morte*, *tortura*, *bondade* perderiam o sentido denotativo, ou seja, seus verdadeiros significados. Logo, todos os indivíduos perderiam suas noções de questionamentos. A partir de então, o governo atingiria seu desígnio, o *Ingsoc*, a inconsciência do discurso por meio da implantação dos novos vocábulos que não suscitassem sentimento indagador e, acima de tudo, o combate a *crimidéia* como se depreende a seguir,

- Não vês que todo o objetivo da Novilíngua é estreitar a gama do pensamento? No fim, tornaremos a *crimidéia* literalmente impossível, porque não haverá palavras para expressá-la. Todos os conceitos necessários serão expressos exatamente por uma palavra, de sentido rigidamente definido, e cada significado subsidiário eliminado, esquecido. Já, na Décima Primeira Edição, não estamos longe disso. Mas o processo continuará muito tempo depois de estarmos mortos. Cada ano, menos e menos palavras, e a gama da consciência sempre um pouco menor. Naturalmente, mesmo em nosso tempo, não há motivo nem desculpa para cometer uma *crimidéia*. É apenas uma questão de disciplina, controle da realidade. Mas no futuro não será preciso nem isso. A Revolução se completará quando a língua for perfeita. Novilíngua é *Ingsoc* e *Ingsoc* é Novilíngua (ORWELL, 1996, p.52-3).

A tática do governo de combater o uso das palavras de ordem reflete claramente a sua intenção de provocar o apagamento da memória da sociedade. A destruição vai acontecendo aos poucos, e retirando da lembrança acontecimentos importantes do passado. O termo *Ingsoc* é a tentativa de exterminar o significado das palavras vigentes, e distorções das literaturas



produzidas no contexto da contemporaneidade, em que essas obras literárias ao serem adaptadas para a versão em *Novilíngua* herdarão grandes contradições,

a literatura do passado terá sido destruída, inteirinha. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron - só existirão em versões *Novilíngua*, não apenas transformados em algo diferente, como transformados em obras contraditórias do que eram (ORWELL, 1996, p. 53).

A finalidade do dicionário *Novilíngua*, que está diretamente ligado à destruição da língua do presente, pode ser compreendido a partir de questões sobre a língua e o poder discutidas por Barthes (1997). No livro *Aula*, o estudioso discorre sobre a concepção de língua em seu contexto de atuação. Segundo ele, a língua desempenha importante papel para as inter-relações sociais, ao mesmo tempo em que toda língua está vinculada a um “*discurso de poder*”. De acordo com Barthes (1997, p. 11),

[o] poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo *discurso de poder* todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe.

A imposição dos discursos gerados a partir da instituição do dicionário *Novilíngua* demarca a supremacia do poder do estado em relação à classe dominada. Semelhante ao processo de colonização de alguns países em que tiveram parte de sua identidade arruinada, o colonizador está para o sujeito oprimido que se faz presente em *1984*, conforme a legislação do Partido. Em se tratando de um estado que administra seu povo por meio da imposição de valores, não há como negar que este desconsidera a importância da cidadania do outro, ou seja, da cultura do outro, ou ainda, para lembrar a abordagem de Barthes (1997, p. 12), seria descrever “não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva”.

Nesse sentido, observa-se que nem mesmo aqueles que apresentam um grau de instrução maior escapam de suas normas, pois o “o *discurso de poder*” e a força do Estado autoritário regido pelo Grande Irmão suplanta as ideologias presentes. Assim, tomando como base a questão do discurso vinculado ao poder, Foucault (1996, p. 51) explica que



[...] o princípio de sua expansão e de sua continuidade, nessas figuras que parecem desempenhar um papel positivo como a do autor, da disciplina, da vontade de verdade, é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso.

No contexto discursivo de 1984, identifica-se claramente que os sujeitos do discurso são facilmente manipulados pela inversão da realidade, em que o governo se encarrega de disciplinar por meio da determinação de leis que devem ser aceitas e cumpridas. O personagem despótico que representa o Estado (*Grande Irmão*) defende os lemas de seu partido, por meio da incitação da guerra, da exploração e da ignorância dos cidadãos. A contradição dos slogans do partido pode ser lida na obra de Orwell da seguinte maneira: “Guerra é paz, Liberdade é escravidão, Ignorância é força”.

Esses três ideais instituídos pela política do Grande Irmão passam a incomodar Winston que, de certa forma, não consegue assimilá-los, pois percebe que os dispositivos ideológicos do governo estão centralizados, de maneira abstrata, na disciplina pessoal da mente de cada membro do partido ou da população, configurando uma “Sociedade de controle”.

Segundo Hardt (2000, p.370) em seu artigo *A sociedade mundial de controle*,

[...] o controle é, assim, uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas, tornadas permeáveis, de forma que não há mais distinção entre fora e dentro. Dever-se-ia reconhecer que os aparelhos ideológicos de Estado também operam na sociedade de controle.

Baseado no conceito de Deleuze, Hardt exemplifica a ação do Estado como onipresente, em que os “tentáculos” institucionais se transformam em agentes de monitoramento do cotidiano dos homens, algo que é patente na alegoria do olho midiático das *teletelas*.

Voltando ao personagem Winston, vivendo numa sociedade dominada pela vigilância, ele não se sente a vontade para fazer o que gosta, por isso, vive solitário, sem amigos para compartilhar suas angústias. Até que num determinado momento ele se depara com Júlia, funcionária do departamento de Ficção, que desperta as atenções do companheiro de Partido.

A postura da companheira o deixa incomodado pelo fato de já tê-la encontrado durante as seções dedicadas aos “Dois Minutos de Ódio”, onde pôde perceber que ela pertencia à classe dos alienados, assim como todos os trabalhadores aparentavam ser. Por conta disso, há



entre ambos um sentimento de antipatia, já que a moça é adepta da “Liga Juvenil Anti-Sexo”. Essa irmandade era responsável por estabelecer total celibato entre ambos os sexos. Vale também ressaltar que a obra de Aldous Huxley publicada no ano de 1932, *Admirável mundo novo*, encarregou-se de demonstrar um mundo ficcional onde os seres humanos são gerados somente por meio da inseminação artificial. Além disso, são condicionados ao cumprimento das leis e regras sociais, dentro de uma sociedade organizada por castas. Qualquer comportamento subversivo e insegurança dos cidadãos é automaticamente combatido pela alta dosagem de uma substância sem efeitos colaterais chamada “soma”. Ao contrário da obra de Orwell em que o instinto sexual procura ser combatido até sua última instância, em *Admirável mundo novo* visa-se a deliberação do desejo sexual como forma de alienação da mente humana, bem como, para descentralizar os verdadeiros laços fraternos, desmobilizando assim, o conceito de família.

Nesse momento da trama, o herói julgava que todas “as mulheres, e principalmente as moças, os militantes mais fervorosos do Partido, os devoradores de palavras de ordem, os espíões amadores e os espículas dos desvios” (ORWELL, 1996, p.14). Todas as mulheres eram educadas para não praticar relações sexuais. Elas se vestiam com roupas masculinas e estavam sempre dispostas a prestar servidão ao Governo. Desse modo, nunca usavam perfume, porque poderiam atrair os homens pelo odor, provocando a atração física dos companheiros, uma vez que o casamento só podia ser autorizado mediante a assertiva da cúpula do Partido. Por outro lado, as pessoas eram proibidas de estabelecer laços afetivos, e os raros casamentos que aconteciam eram efetivados com a intenção de gerar filhos que deveriam ser formados para a militância do partido. Dessa maneira,

[...] todos os casamentos entre membros do Partido tinham de ser aprovados por um comitê nomeado para esse fim e - embora o princípio jamais fosse claramente declarado - a permissão era sempre recusada se o casal desse a impressão de haver qualquer atração física. O único fim reconhecido do casamento era procriar filhos para o serviço do Partido (ORWELL, 1996, p. 65).

A partir da narrativa fílmica, percebe-se que o governo se posiciona contra qualquer tipo de união em que pudesse haver sentimento amoroso. Tratava-se, antes de tudo, de acabar de vez com o instinto sexual ou, se não fosse possível matá-lo, torcê-lo e torná-lo indecente.



Em contraposição, as pulsões sexuais de Winston se restabeleciam a cada dia. Essa afirmativa reforça a disparidade ideológica de Winston em relação a todos os personagens, uma vez que estes se mantêm alienados da verdadeira condição humana. Desta maneira, os elementos que se mantêm aquém dos entraves sociais permanecem segregados por não serem politizados, deixando assim de exercerem a convivência social.

Noutra instância, o Estado massificador se mantém ativo diante da obediência de seus subordinados, num cenário onde toda a população vive recuada, com medo de torturas, mortes e severas punições. A partir regulamentação de leis que visam conter os anseios dos homens, o governo estabelece a regulação dos comportamentos, provocando a inversão de valores. Nessa perspectiva, tomando como base Guattari (1987, p.167) em sua obra *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*,

não se pode desconhecer que esse território imaginário, esse espaço maldito dos desejos proibidos, espécie de principado secreto, de Estado dentro do Estado, tende a impor sua lei ao conjunto do psiquismo e dos comportamentos.

O Partido do *Grande Irmão* disponibiliza de forte regime ditatorial, no qual as leis deveriam atender a necessidade de suplantar qualquer levante que se julgasse contra o estatuto do Partido. Além disso, essa instituição se promovia pela corrupção que se escondia na conduta do próprio Partido, que abrigava os trabalhadores a terem relações sexuais às escondidas. A prostituição era a maneira encontrada para não desmobilizar o poder instituído, logo, os camaradas eram obrigados a aceitá-la discretamente, mesmo sabendo que os próprios membros do governo frequentavam as regiões que ficavam à margem da cidade, onde se encontravam facilmente grande soma de prostitutas.

Na parte periférica da cidade é possível encontrar produtos já extintos da sociedade moderna. Winston está sempre de passagem pela periferia em busca de produtos antigos, ia sempre por lá comprar giletes para fazer a barba, já que o governo tinha certa delimitação na fabricação de utensílios.

Circular pela cidade era indício de estar sempre sendo vigiado por espíões que a qualquer momento poderiam denunciar algum sinal de descumprimento das leis. Todos sabiam disso, principalmente Winston que se deparava com cartazes do *Grande Irmão* nos



muros. Nesses momentos, ele tinha a sensação de estar sendo seguido. A expressão “O Grande Irmão zela por ti” se espalhava por toda a cidade.

O sentimento de medo passa a se ativar no decorrer do envolvimento amoroso de Winston com Julia. É nesse momento que se observa que os personagens compartilham dos mesmos pontos de vista. Em seguida, passam a se encontrar diariamente; mesmo sabendo que estão sendo vigiados aprendem a conviver com o cruel destino que os espera. Sabem que ao serem descobertos serão presos e torturados até a morte, porém, alimentam suas vidas no presente.

Depois, acabam sendo flagrados de acordo com o descumprimento da lei. Winston é levado para uma sala de tortura, que logo se revela como palco para constantes seções de torturas, com o intuito de descondicionalizar sua mente de qualquer ato subversivo³. Após seções violentas de choque, os torturados acabam delatando suas culpas através da teletela, além de consentirem e autorizarem o tratamento de choque para mudança de hábitos e pensamentos.

Considerações Finais

É importante demarcar que nos interstícios do texto literário de Orwell, os personagens Winston e Júlia não são colocados no mesmo patamar de outros personagens. É notável que a categoria ideológica presente na obra de Orwell faz suscitar a questão específica dos questionamentos de Winston diante da realidade opressora. Nesse sentido, o seu ideal de almejar a libertação do povo, de desejar para a sociedade uma relação social igualitária, longe dos parâmetros ditatoriais, o faz proferir muitas vezes um discurso contrário ao de todos os cidadãos, pois o seu ideal caminha na contramão, na periferia do que é aceito como o correto. A sua legalidade ideológica nunca será levada em consideração, já que o seu discurso é divergente, ao ponto de torná-lo anormal para o contexto social.

³ Anos mais tarde, por volta dos anos de 1960, outra obra que também encenaria a figura de atos subversivos foi obra *A Laranja Mecânica* de Anthony Burgess, que chocou a realidade mundial com a história do rebelde jovem Alex que juntamente com outros jovens cometem furtos e estupros pela cidade, ao serem denunciados pela violência que cometeram são presos e passam por um longo período de descondicionalização de seus comportamentos violentos. Nesse sentido, a subversão dos jovens estaria ligada a punição pelo fato de não se enquadrarem ao padrão de comportamento culturalmente aceito pela sociedade, da mesma forma, as ações de Winston e Julia parecem escapar a norma do estado.



Num cenário desigual, como mostra o narrador, a palavra de ordem seria normatizar os sujeitos, forçá-los ao enquadramento alienante, ou seja, colocá-los numa redoma onde possa reinar um hipnotismo, e que nada possa ser questionado. Por outro lado, o ser questionador se configura através do papel exercido por Winston e Júlia, no sentido de que ambos não servem para o Estado, pelo fato de subverterem os princípios ideológicos do Partido. Além disso, o poder dos camaradas partidários os considera perigosos à sociedade; logo se observa que seus comportamentos atingem tacitamente uma profunda ligação com a chamada “desobediência civil”, em que se procura romper as regras do poder, contrariando-o.

A partir de então, os discursos não se encontram aquém dos dispositivos do Partido, daquilo que ele repassa como verdade. Da mesma maneira que a sociedade acredita tratar-se da verdade. Diante desse contexto, a palavra de Winston vai além da libertação, movida por uma voz que ecoa longe, implorando pelo despertar das mentes humanas.

Pode-se afirmar que o discurso de negação se “presentifica” nas ideias do personagem da obra. É esse o discurso que ele carrega consigo, visto que sua ideologia caminha na contramão do aprisionamento do Estado, e sua fala está inserida contra o poder do Partido. Barthes (1997) chama esse fenômeno de “fascismo da língua”, em que os poderes se tornam uma “legião” quase indestrutível, calando as vozes que se contrapõem a engrenagem estatal.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Éric . **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Wilson Velloso. 23. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1996.